

ARANTES, Otília - Berlim e Barcelona: duas imagens estratégicas. São Paulo:Annablume, 2012

Para além de Berlim e Barcelona

Marina Toneli SIQUEIRA

Arquiteta e urbanista pela Universidade Federal de Santa Catarina; mestre em arquitetura e urbanismo pela Universidade de São Paulo; estudante de doutorado em planejamento urbano e políticas públicas na University of Illinois at Chicago. Professora assistente do Departamento de Planejamento Urbano e Políticas Públicas na University of Illinois at Chicago.

E-mail: msique2@uic.edu; marinasiq@yahoo.com.br

Com sua segunda edição publicada apenas seis meses após a primeira, *Berlim e Barcelona: duas imagens estratégicas* já adentrou as bibliotecas daqueles que se preocupam com transformações urbanas contemporâneas. Nas notas introdutórias, Otília Arantes (2012, p. 7) alerta que “o Brasil finalmente entrou na ciranda dos megaeventos”. Esta realmente parece ser a relação direta entre o livro e as cidades brasileiras, em especial considerando os já sentidos impactos dos grandes projetos nas cidades-sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014 e no Rio de Janeiro para as Olimpíadas de 2016. De fato, nas duas cidades examinadas por Otília Arantes, grandes eventos foram marcantes na transformação sócio-espacial engendrada pela promoção de uma nova imagem para as cidades – no caso de Barcelona, as Olimpíadas de 1992 e o Fórum das Culturas em 2004, e no caso de Berlim, a queda do muro em 1989 e a reunificação alemã. Entretanto, estes eventos não são os únicos pontos passíveis de paralelismo com as cidades brasileiras. A análise de Berlim e Barcelona demonstra a presença de processos mais profundos e estruturais de transformação na própria base do planejamento urbano. Portanto, se megaeventos tornaram-se marcos do processo e, por muitas vezes, justificativas para promover grandes projetos urbanos, o livro de Otília Arantes aponta para consequências muito mais profundas para as cidades, incluindo as brasileiras.

Avançando discussões de trabalhos anteriores – em especial *Urbanismo em Fim de Linha e Uma Estratégia Fatal* – Otilia Arantes utiliza Berlim e Barcelona como casos para explorar temas centrais de sua trajetória intelectual, em especial a formação de um pensamento único sobre as cidades na qual cultura e economia estão aliadas. Neste sentido, a análise da autora une-se às de Jameson, Harvey e Zukin ao explorar como a evolução do sistema capitalista apóia-se na produção cultural como nova forma de acumulação de capital. Esta evolução acontece em especial com a assimilação das críticas ao modernismo e das demandas por mais liberdades individuais e culturais. Por um lado, os interesses econômicos da cultura se unem às justificativas culturais do sistema econômico. Por outro lado, a cultura tem um papel central não somente como azeite da máquina de crescimento econômico, mas também como formador de consensos públicos. Desta forma, enquanto muitos poderiam ser contra investimentos públicos diretos em grupos econômicos, quem poderia ser contra investimentos culturais? Não é por acaso, portanto, que equipamentos culturais, como museus e galerias de arte, tornaram-se elementos fundamentais na agenda urbana contemporânea como estratégias de desenvolvimento econômico, sendo o caso de maior sucesso a experiência de Paris sob o governo Mitterrand. Portanto, ao vender uma imagem de cidade diversa, estimulante e criativa, a cultura entra como elemento fundamental das estratégias de *marketing* urbano, podendo ser defendida, disseminada e compartilhada pelos mais diversos gestores públicos, não importando a sua inclinação ideológica e, portanto, formando um verdadeiro pensamento único sobre as cidades. É neste contexto que a análise de Berlim pode ser elucidativa.

A queda do muro de Berlim e a reunificação alemã foram um momento privilegiado para promover transformações urbanísticas e uma nova imagem para a cidade. Para tanto, a valorização da diversidade cultural – apoiada no bordão de valorização do *mix* social – e a democratização do espaço urbano – contra as imagens tradicionais de autoritarismo alemão – foram utilizados como motes desta mudança. Entretanto, o “culturalismo de mercado” gerou um resultado bastante distinto de seu discurso original. A autora demonstra que Berlim exibe um superadensamento cultural, com a multiplicação de teatros, museus e galerias de arte. Enquanto estes equipamentos não geraram o retorno econômico esperado, alguns espaços foram privatizados e outros foram fechados. Entretanto, de forma geral, este sistema cultural tornou-se dependente de recursos públicos que nem mesmo a prefeitura foi capaz de custear, tendo que recorrer ao governo federal. Berlim tornou-se o “eldorado da cultura subvencionada” (ARANTES, 2012, p. 131) Segundo Otilia Arantes, é difícil repetir o sucesso de Paris, em especial quando se considera que Berlim compete não só com outras capitais européias pelos recursos do turismo cultural, mas também com cidades alemãs com mais tradição nesta área, como Munique e Hamburgo. Por outro lado, esta máquina de crescimento cultural traduziu-se em reorganizações do espaço físico e social não só nos lugares considerados como símbolos da nova fase de Berlim, mas também em bairros afastados nos quais artistas são encarregados da promoção urbana por meio de pequenos estabelecimentos culturais, como teatros, galerias e cafés. Neste processo, grupos sociais e usos que não interessam à nova imagem de Berlim foram expulsos, configurando um processo nem um pouco diverso ou democrático como idealizado.

É possível perceber, portanto, que no triângulo cidade-comércio-cultura – base do pensamento único para Otília Arantes – o planejamento urbano valoriza a competitividade econômica acima de suas outras dimensões. Neste sentido, a autora baseia-se em Hall e Molotch para buscar a origem do planejamento estratégico nas cidades-empresas dos Estados Unidos, geradas em meio à crise do sistema fordista-keynesiano na década de 1970. Com estagnação econômica, altas taxas de desemprego e inflação, as transformações do período tiveram efeitos diretos nas cidades com a aplicação de teorias neoliberais não só como estratégias de desenvolvimento econômico, mas também como base fundamental para o planejamento e gestão urbanística. De uma forma geral, segundo o consenso neoliberal, o Estado, condenado por seu tamanho e ineficiência, deveria ser transformando. Este processo, entretanto, não significou necessariamente a sua diminuição, mas o seu redirecionamento para áreas consideradas competitivas, resultando especialmente em uma nova arquitetura institucional através de privatizações e parcerias público-privadas. É na identificação deste processo que Otília Arantes afirma que o planejamento urbano vira de cabeça para baixo.

As máquinas de crescimento urbano nada mais são do que coalisões pró-crescimento focadas na propriedade privada. Segundo Otília Arantes, ao invés de regular o crescimento e controlar forças especulativas, o planejamento urbano contemporâneo confunde-se com o seu inimigo anterior, o empreendedor. Ao invés de pensar as cidades de forma abrangente e com um olhar técnico-racional, o planejamento urbano torna-se fragmentário, competitivo e gerencial. “Vive-se a espreita de ocasiões... para fazer negócios! Sendo que o que está à venda é um produto inédito: a própria cidade” (ARANTES, 2012, p. 14) Estas ocasiões, ademais, podem estar ligadas tanto a megaeventos quanto a processos locais nos quais projetos de renovação urbana tornam-se oportunidades para se aumentar as vantagens comparativas da cidade. Ao identificar uma área considerada “degradada”, entram em cena projetos de revitalização, reabilitação e requalificação, que nada mais são do que uma adequação sócio-espacial ao novo estágio de acumulação capitalista. São, portanto, áreas industriais, orlas e zonas portuárias que “devem” ser adequadas a uma nova economia de negócios, serviços e turismo. São também, todavia, áreas ocupadas pela população pauperizada pelo sistema de acumulação anterior, e que continuam a não ser incluídas na nova imagem urbana competitiva. Portanto, os novos investimentos acabam gerando o aumento dos preços de propriedades e aluguéis além de uma competição pelo espaço na qual os grupos mais vulneráveis são expulsos. Os distritos históricos, neste sentido, funcionam como uma verdadeira faca de dois gumes: enquanto a valorização do patrimônio edificado e da diversidade cultural tornam-se justificativas para os investimentos públicos e privados, eles acabam por expulsar aqueles elementos fundamentais que caracterizavam a urbanidade em si. É neste sentido que Otília Arantes (2012, p. 19) acaba concluindo que o “planejamento dito estratégico pode não ser mais do que um outro eufemismo para *gentrification*”, visto que a aplicação do planejamento estratégico em uma cidade por inteiro resultaria em uma urbe completamente gentrificada. O que parece ser um contrassenso – a atuação fragmentária resultar em uma transformação abrangente – parece estar no cerne da questão.

Em diálogo crítico com Montaner, Otilia Arantes realiza uma análise de mais de trinta anos de intervenções em Barcelona nas quais a autora identifica as suas interligações com aqueles processos mais profundos de formação do planejamento estratégico. Por um lado, o caso demonstra a conexão entre o planejamento estratégico e a crítica ao modernismo, em especial por intermédio da participação de arquitetos-urbanistas locais no movimento contextualista. Neste sentido, vai-se de encontro à planificação moderna para promover intervenções urbanísticas em focos específicos que, ao mesmo tempo em que respeitariam as condições locais, também garantiriam a transformação do espaço urbano como um todo por meio de uma “metástase benigna”, ou contaminação positiva. Por outro lado, não é por acaso que o contextualismo destas intervenções em Barcelona são facilmente integradas ao efeito trickle-down proposto pelos ideários do neoliberalismo, no qual os efeitos positivos do crescimento econômico de certos setores supostamente levariam a benefícios para todos. No caso específico de Barcelona, os primeiros projetos de intervenção caracterizavam-se pela multiplicação de espaços públicos (incluindo mais de cem praças) que levariam a uma reativação do tecido urbano e do debate público, embora a autora aponte que muitas dessas intervenções tiveram um caráter artificial e até mesmo arbitrário. É importante também destacar o ponto de conexão direta entre o planejamento estratégico de Barcelona e as cidades-empresa dos Estados Unidos, identificado pela autora no convênio entre a cidade catalã e James Rouse, prefeito que inventou a fórmula da máquina de crescimento em Baltimore e que teve papel direto na reurbanização da área portuária de Barcelona.

Entretanto, esta primeira fase de intervenção esbarrou nas necessidades complementares de investimentos para as Olimpíadas, atendendo às exigências do Comitê Olímpico Internacional, mas também para tornar a cidade atraente para turistas e investidores. Se o modelo foi transformado para um redesenho mais radical da cidade, a estratégia de intervenção continuou a mesma ao identificar centralidades que funcionariam para a ampliação dos efeitos positivos para a cidade como um todo. Portanto, dos cem espaços públicos originais passou-se à intervenção em dez novas “centralidades”, identificadas pelo seu potencial de reurbanização. Estas áreas eram em geral resultantes da desindustrialização, desativação de estradas de ferro e outros serviços, demonstrando, portanto, a própria transformação do sistema capitalista que valorizava novas atividades econômicas, como negócios financeiros, serviços e comércio. O “sucesso” destes projetos foi medido pela transformação sócio-econômica da área, que apenas confirmava a expulsão ou isolamento de certos grupos sociais sem uma real melhoria da qualidade de vida para todos. Segundo a autora, este é o caso de bairros industriais (como Poble Nou) e distritos históricos (como Raval).

Finalmente, tanto Barcelona quanto Berlim também demonstram a evolução mais recente do modelo com a entrada destas cidades na competição para se tornarem global cities. Este processo se dá em especial por meio da promoção de novos centros empresariais que se pretendem comparáveis àqueles das grandes capitais do setor terciário avançado. É neste sentido que Otilia Arantes identifica o projeto do distrito 22@ como a substituição

da Manchester barcelonense pelo Silicon Valley intraurbano, ou seja uma reversão histórica com a promoção de novas atividades econômicas através de investimentos públicos e privados. O resultado, conclui a autora, é um projeto de caráter tecnocrático e midiático. Ademais, com a privatização de áreas públicas, especulação imobiliária e perda de integração com a malha urbana, esta área acabou criando um enclave urbano elitizado com a expulsão de usos e usuários anteriores. Já no caso de Berlim, enquanto a habitação social foi relegada para as periferias, as áreas vazias nos centros de negócios demonstram que Berlim não tem tido muito sucesso na competição urbana com outras capitais financeiras européias e mesmo alemãs, como Frankfurt. Por outro lado, o processo em Berlim une estratégias de desenvolvimento econômico à animação cultural, sendo a Postdamer/Leipziger Platz o maior exemplo desta combinação. Contando com escritórios e equipamentos de cultura e lazer, o projeto foi traduzido pela autora como um parque temático: um espaço artificial, altamente vigiado e com diversidade controlada; exuberância arquitetônica apoiada no aumento do potencial construtivo e em assinaturas de *starchitects*; e utilização de estilos importados que em nada valorizam a história ou cultura alemã.

Aliás, os dois casos – Postdamer/Leipziger Platz em Berlim e 22@ em Barcelona – tornaram-se a nova imagem destas cidades em estratégias de *marketing* urbano que utilizam de edifícios emblemáticos para a promoção da cidade para o mercado mundial. Esta “arquitetura milagrosa”, como caracterizou Otilia Arantes, apoia-se na assinatura de arquitetos mundialmente conhecidos para gerar pontos focais, estruturas espectaculares que transformam simbolicamente e fisicamente as cidades. Não é por acaso, portanto, que tanto em Berlim quanto em Barcelona nomes como Jean Nouvel e Frank Gehry, entre outros do *starsystem* mundial, pipocam na promoção de uma imagem urbana competitiva. Portanto, essa é uma radical mercantilização da cidade na qual se beneficiam tanto empreendedores urbanos quanto arquitetos e urbanistas, que continuam a ser acionados para idealizar e legitimar o processo. Neste sentido, arquitetos-urbanistas tornam-se *managers*, intermediários culturais e empresários de cidades. Ademais, a divulgação da imagem de sucesso da transformação urbana de Barcelona resultou na eleição destes profissionais para cargos políticos eletivos, além da formação de consultorias que continuam a exportar o modelo para o resto do mundo, inclusive para o Brasil.

Como mencionado antes, Berlim e Barcelona são casos que demonstram transformações mais profundas experimentadas por sociedades urbanas contemporâneas. Neste sentido, estas cidades conferem densidade à análise de Otilia Arantes, permitindo o diálogo entre teoria e prática. No entanto, Berlim e Barcelona expõem como processos estruturais de transformação na base do planejamento urbano são materializados localmente em trajetórias específicas. Assim, se no começo desta resenha alertou-se que os impactos para cidades brasileiras podem ser mais profundos do que somente aqueles relacionados à realização de megaeventos, é importante também mencionar a necessidade de contextualização destes processos. Berlim e Barcelona são utilizadas como exemplos de um novo modelo de pensar e fazer as cidades que é promovido mundialmente e certamente replicado nos enclaves da periferia do capitalismo. Entretanto, na análise destas cidades a autora busca

no contexto local os contornos de processos específicos. Portanto, Berlim não é Barcelona e a mesma equação não deve ser feita com relação às cidades brasileiras. Otilia Arantes demonstra, neste sentido, não só uma análise aguçada destes casos, mas também a base de um modelo analítico que é de possível aplicação para o estudo de casos no Brasil, desde que se respeite o diálogo entre múltiplas escalas e períodos históricos.